

EDUCAÇÃO QUÍMICA FORA DO ARMÁRIO: CARTOGRAFIAS EPISTOLARES DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE ANTILGBTQIAPNB+FÓBICA

CHEMISTRY EDUCATION OUT OF THE CLOSET: EPISTOLARY CARTOGRAPHIES OF AN ANTI-LGBTQIAPNB+PHOBIC TEACHER EDUCATION

EDUCACIÓN QUÍMICA FUERA DEL ARMARIO: CARTOGRAFÍAS EPISTOLARES DE UNA FORMACIÓN DOCENTE ANTILGBTQIAPNB+FÓBICA

Franklin Kaic Dutra-Pereira*

RESUMO

Este texto é fruto de uma pesquisa que cartografa as narrativas em cartas de estudantes da Licenciatura em Química de uma universidade do Nordeste brasileiro. Trata-se de explorar as possibilidades de uma Educação Química antilgbttqiapn+fóbica a partir de narrativas epistolares escritas por licenciandos/as/es em Química durante o estágio supervisionado. Utilizando as filosofias da diferença e a cartografia como abordagens teórico-metodológicas, o estudo analisa, ancoradas em referenciais francófonos e do Sul Global de forma sistemática e interpretativa, como as cartas expressam experiências pessoais e profissionais que desafiam as normatividades de gênero e sexualidade no ambiente escolar. As cartas, entendidas como dispositivos de resistência e criação, revelam as tensões e potências na construção de subjetividades dissidentes e na transformação das práticas pedagógicas. O artigo defende que a educação química deve integrar discussões sobre diversidade, desafiando preconceitos e celebrando as múltiplas existências. Ao final, aponta para a urgência de repensar a formação docente e os currículos escolares, propondo uma Educação Química que valorize a diferença como potência criadora e celebre vidas dissidentes, porque ainda estamos aqui e a vida presta.

Palavras-chave: Educação química. Formação docente. Pedagogias queer. Cartas. Cartografia. Filosofias da diferença.

ABSTRACT

This text is the result of a research project that maps the narratives contained in letters written by undergraduate Chemistry students from a university in the Brazilian Northeast. It seeks to explore the possibilities of an anti-LGBTQIAPN+-phobic Chemistry Education through epistolary narratives produced by pre-service Chemistry teachers during their supervised teaching practicum. Drawing on philosophies of difference and employing cartography as both a theoretical and methodological approach, the study offers a systematic and interpretative analysis grounded in Francophone and Global South perspectives. It examines how these letters articulate personal and professional experiences that challenge gender and sexuality normativities within school environments. Understood as devices of resistance and creation, the letters unveil both tensions and creative forces in the construction of dissident subjectivities and the transformation of pedagogical practices. The article argues that Chemistry Education must incorporate discussions on

* Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, professor da Universidade Federal da Paraíba, PPGE e PROFQUI, João Pessoa, Paraíba, Brasil, franklin.kaic@academico.ufpb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>



diversity, confronting prejudice, and embracing multiple forms of existence. Ultimately, it calls for an urgent rethinking of teacher education and school curricula, proposing a Chemistry Education that values difference as a generative force and celebrates dissident lives, because we are still here, and life is worth living.

Keywords: Chemistry education. Teacher formation. Queer pedagogies. Letters. Cartography. Philosophies of difference.

RESUMEN

Este texto es fruto de una investigación que cartografía las narrativas en cartas de estudiantes del curso de Licenciatura en Química de una universidad del Nordeste brasileño. Se trata de explorar las posibilidades de una Educación Química anti-LGBTQIAPN+fóbica a partir de narrativas epistolares escritas por futuros/as/es docentes de Química durante la etapa de prácticas supervisadas. Utilizando las filosofías de la diferencia y la cartografía como enfoques teórico-metodológicos, el estudio analiza, desde referentes francófonos y del Sur Global, de manera sistemática e interpretativa, cómo las cartas expresan experiencias personales y profesionales que desafían las normatividades de género y sexualidad en el contexto escolar. Las cartas, entendidas como dispositivos de resistencia y creación, revelan las tensiones y potencias en la construcción de subjetividades disidentes y en la transformación de las prácticas pedagógicas. El artículo sostiene que la educación química debe integrar debates sobre la diversidad, enfrentando los prejuicios y celebrando las múltiples existencias. Finalmente, señala la urgencia de repensar la formación docente y los currículos escolares, proponiendo una Educación Química que valore la diferencia como potencia creadora y celebre las vidas disidentes, porque aún estamos aquí y la vida vale la pena.

Palabras clave: Educación química. Formación docente. Pedagogías queer. Cartas. Cartografía. Filosofías de la diferencia.

1 PARA INÍCIO DE UMA ESCRITA

Era uma manhã clara e ensolarada, o céu pintado de azul sem nuvens. Saí de casa, um menino branco, galego, com cabelos loiros que reluziam à luz do sol. Meus trejeitos afeminados e a calça jeans rasgada no joelho faziam parte da minha expressão autêntica e destemida. Ao meu lado, caminhava minha amiga inseparável, sua presença sempre iluminava qualquer caminho. Enquanto nos dirigíamos à escola, conversávamos animadamente sobre tudo e nada ao mesmo tempo, nossas risadas ecoando pelas ruas ainda silenciosas. Ao chegar à praça central, avistei alguém que fez meu coração acelerar – ele estava lá, o homem gay por quem nutria uma paixão secreta. Sua presença sempre tinha um efeito inexplicável sobre mim, como se o tempo parasse e tudo ao redor perdesse a importância. Nossos olhares se cruzaram e, por um momento, senti como se estivéssemos conectados por um fio invisível. Minha amiga, sempre perceptiva, notou o brilho em meus olhos e, com um sorriso travesso, perguntou: "Você está apaixonado por ele, não está? Seus olhos não mentem.". Senti uma onda de culpa e constrangimento me invadir. Era como se meu segredo mais bem guardado tivesse sido desvendado. Sorri timidamente e, tentando disfarçar meu corpo tremente e o embaraço, respondi: "É complicado. Acho que sim, mas... é complicado.". Ela me olhou com compreensão, seu sorriso agora mais suave. "Não precisa se sentir culpado por isso. É lindo ver seus olhos brilharem assim. Todo mundo merece viver suas paixões, mesmo que em segredo.". Continuei caminhando ao lado dela, sentindo um peso sair dos meus ombros. A praça central parecia mais luminosa agora, e a manhã, mais cheia de possibilidades. (Narrativa em primeira pessoa do autor, quando estudante do ensino médio)...

A narrativa descreve uma experiência cotidiana de uma pessoa que integra a comunidade de Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Nãoobinária e mais outras diferenças (LGBTQTQIAPNb+) na escola, onde frequentemente reforça normas *cisheteronormativas*. A escola, conforme Xavier e Vianna (2023), atua como um local onde essas normas são constantemente reproduzidas, muitas vezes em detrimento de indivíduos cujas identidades não se alinham com essas expectativas dominantes. Essa narrativa expõe as tensões e desafios enfrentados por estudantes LGBTQTQIAPNb+ ao navegar por um espaço que, embora destinado à educação e ao desenvolvimento pessoal, pode ser excludente e opressor.

As narrativas de histórias de vida de sujeitos/as à margem cumprem um papel fundamental na humanização e na inclusão nos cursos de licenciatura. Ao (com)partilharem experiências, desafios e conquistas, esses sujeitos elaboram perspectivas frequentemente marginalizadas, inclusive nos próprios cursos que escolheram cursar. Suas trajetórias evidenciam as contradições que atravessam a universidade, espaço que, embora deva ser lugar de acolhimento e valorização da vida, muitas vezes reproduz lógicas de exclusão (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025).

Essas narrativas tensionam os limites do pertencimento institucional e tornam visíveis desigualdades que seguem operando mesmo no interior do ensino superior. Nesse sentido, tornam-se dispositivos para a construção e a valorização da ciência e da vida, sobretudo quando inseridas em processos formativos que reconhecem a diversidade e propõem práticas educativas sensíveis e éticas.

Neste sentido, as vivências de pessoas LGBTQTQIAPNb+ no ambiente escolar são atravessadas por múltiplas camadas de complexidade, conforme Furlani (2007), onde a identidade, o poder e a resistência se entrelaçam em contextos que nem sempre são acolhedores. A escola, em sua função de socialização, muitas vezes se torna um espaço de reprodução de normas heteronormativas e cisonormativas, que marginalizam aqueles cujas existências desafiam essas categorias (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025).

Considerando isso, entendemos a necessidade de problematizar as categorias fixas de *gênerosexualidade*, que, por sua vez, propõe-se uma emergência na desconstrução de uma narrativa – às vezes, autobiográfica – da noção de normalidade para abrirmos espaços para a diversidade de experiências que não se encaixam nas normas hegemônicas, *cisheteropatriarcais coloniais brancas* (Dutra-Pereira, 2023). Assim, questionamos as bases sobre quais as diferenças são construídas e naturalizadas, sugerindo que elas são, na verdade,



performativamente produzidas em um contexto social que regula as narrativas do que é considerado aceitável (Butler, 2020). Neste sentido, as experiências LGBTTQIAPNb+ na escola não podem ser compreendidas apenas como desvios de uma norma, mas como expressões necessárias de subjetividades que resistem à conformidade.

No caso específico da Licenciatura em Química, ainda é necessário ampliar o debate em torno das subjetividades e das diferentes formas de aprender e ensinar e formar docentes que possam e estejam com formação para ampliar e valorizar vozes subalternizadas pelos sujeitos à margem. Muitas dessas narrativas permanecem silenciadas, sobretudo no contexto do Nordeste, onde sujeitos/as à margem buscam no ensino superior a possibilidade de reexistência e afirmação de suas vidas.

Entendemos, portanto, por sujeitos à margem aqueles/as que, por condições sociais, econômicas, raciais, territoriais, de gênero ou sexualidade, vivem afastados/as do centro das estruturas sociais e do acesso pleno a direitos. São pessoas negras, com deficiência, LGBTTQIAPNb+, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, e outros grupos subalternizados pelo capitalismo, colonialismo e patriarcalismo, que frequentemente enfrentam barreiras para acessar e permanecer no ensino superior.

Valorizar as narrativas, as histórias, é, por sua vez, reconhecer que a formação docente não se dá apenas por meio de conteúdos disciplinares, mas também através de afetos, memórias, resistências, deslocamentos e de suas condições sociais e culturas. Ao incluí-las nos currículos e nos processos pedagógicos, os cursos de licenciatura abrem à construção de uma formação mais ética, plural e comprometida com a transformação social, cultural, ambiental e... e... e.... Assim, as experiências de nossos corpos enriquecem o ambiente acadêmico com novos sentidos, olhares, sentires, sensibilizando futuros/as professores/as para os desafios sociais e educacionais, especialmente aqueles vivenciados nas escolas públicas. Ao acolher, ampliar e valorizar nossas vozes, a formação docente amplia suas fronteiras e afirma o compromisso com a justiça social.

Assim, lançamos um convite, ousado em sua complexidade, para nos aproximarmos das diferenças que se produzem e se narram em cartas entrelaçadas com os cotidianos (Toja; Machado; Alves, 2023). Nessas escritas, o eu se desenha e se reinventa nos caminhos sinuosos da existência, recusando os limites que tentam nos silenciar ou eliminar. É nesse contexto que afirmamos a defesa de uma vida plena, tal como deve ser vivida por nós, pessoas LGBTTQIAPNb+. Uma vida entendida como trama em constante (des)fazer – nos “usos” de que nos fala Certeau

(1994) –, onde se inscrevem marcas e narrativas de um viver múltiplo, diverso, em que a identidade e seus modos de contar não se fixam, mas se movem, fluem, se multiplicam.

Neste sentido, argumentamos que nas cartografias da diferença, o mapa nunca é apenas uma reprodução do território. Ele é criação, movimento, devir. Assim são as narrativas epistolares LGBTQIAPNb+: não se limitam a contar uma história, mas constroem labirintos, constelações, em que o eu emerge como um corpo-em-obra, sempre em processo. O cotidiano, então, encena a vida com suas multiplicidades, onde o ordinário se veste de extraordinário na presença de nossas vidas que desabrocham em cores e formas imprevisíveis (Garcia, 2003).

As narrativas epistolares são cenários com os cotidianos, dos pequenos gestos, dos silêncios e dos ruídos, onde as narrativas de si se entrelaçam com os *espaçotempos*, recriando-os. É no (con)vívi(d)o que as diferenças se fazem sentir, não como marcas que nos separam, mas como as texturas que dão profundidade à nossa existência. Assim, a poética dessas narrativas em cartas, onde se escreve, é, portanto, a poética do encontro, do confronto e da (re)afirmação.

É a arte de se fazer e refazer (Certeau, 1994) a si mesmo no fluxo do cotidiano, onde o comum se torna incomum, onde, ao narrar em cartas, transgridem as normas, refaz as fronteiras, inscreve novas possibilidades de ser e de existir. Essa cartografia da diferença é uma celebração do diverso, do múltiplo, do outro que somos nós mesmos, sempre em movimento, sempre em criação. Afinal, viver é cartografar-se, desenhar-se no tecido do mundo com as linhas de fuga que a vida se reorganiza, e com as que escolhemos traçar (Deleuze; Guattari, 2011a; 2011b).

Nas vivências LGBTQIAPNb+, essas linhas não são retas, mas curvas que se dobram e se desdobram, criando novas geometrias, novas poéticas, novas formas de ser, estar, e resistir no mundo. São formas outras de pensar com/de/sobre nós. Um olhar pela escrita de cartas que geram narrativas, que são cartografadas nas/com/em nossas diferenças, nas/com/em nossas multiplicidades, nas/com/em nossas fugas, nos/com/em nossos modos de *ler e estar* no mundo.

É um modo de produzir vida a partir da escrita de cartas que exercem e produzem poder que é lançado ao mundo, como uma reconstrução e rebeldia, mesmo em cursos que a escrita ainda não é tão explorada (Dutra-Pereira; Bortolai; Lima, 2021). As narrativas epistolares podem criar outros caminhos, às vezes mais seguros, para que possamos registrar nossos modos de existir neste mundo que nos aterroriza e que ainda assistem nossas mortes nas vitrines dos clicks smartphonizados – quantas notícias não são veiculadas de mortes de corpos LGBTQIAPNb+ e o nosso modo de questionar é somente num click nas redes sociais?. Assim, as cartas são potência



criadora de vida, de interrogação da vida, em nossa insistência em ser-narrar, em nossa teimosia em florescer-narrar.

Portanto, esta pesquisa está enraizada em uma perspectiva que amplia e examina como as narrativas epistolares podem moldar subjetividades, e como podemos, na Licenciatura em Química, subverter e reconfigurar a nossa existência de um currículo com orgulho (Dutra-Pereira, 2025a). Ao abordar as narrativas de uma Química antiLGBTQIAPNb+fóbica, por meio de escrita de cartas, buscamos visibilizar as nossas experiências, mas também desestabilizar as normas que tentam silenciá-las e ampliar nosso modo de exercer o direito de escrever e sermos lidos, mas não pelo lado do horror, mas porque falaremos de “nós ganhando” (Santos, 2023).

Dito isso, para guiar essa investigação, questionamos: Como as narrativas epistolares de *gênerosexualidade* são reproduzidos e desafiados nas práticas cotidianas universitárias no ensino de química? Como as narrativas emergentes nas cartas desafiam ou reforçam as normatividades de gênero e sexualidade no contexto do estágio em ensino de química, e de que maneiras essas tensões contribuem para a produção de novas subjetividades no campo da Educação Química? De que forma as cartas, enquanto práticas narrativas e performativas, desestabilizam as narrativas hegemônicas no Ensino de Química possibilitando a criação de novos significados e existência para pessoas LGBTQIAPNb+ no/para o ambiente universitário?

Ao explorar essas questões, este artigo contribui para um campo de estudo que busca compreender as experiências LGBTQIAPNb+ na educação e desafiar as estruturas que limitam a expressão do corpo nas ciências da natureza, sobretudo na Química, enquanto área que pouco tem se aproximado das narrativas sejam elas autobiográficas ou históricas. Desse modo, esta pesquisa emerge nos/dos/com os cotidianos de um curso de Licenciatura em Química, durante o estágio supervisionado IV, e com isso, tem como objetivo investigar como as narrativas registradas em cartas escritas por licenciandos/as em Química, refletem e desafiam as normatividades de gênero e sexualidade nos/dos/com os cotidianos escolares.

Fazemos o uso das cartas por nos conduzirem por caminhos tortuosos, onde as vivências dos/as licenciandos/as se entrelaçam com as tensões e potências de outras produções de narrativas autobiográficas, oferecendo-nos a oportunidade de reimaginar as vidas que são produzidas sob a ótica das subjetividades dissidentes. Ao mergulharmos nas narrativas contidas nas cartas compreenderemos como essas escritas, moldadas por experiências de in/exclusão, se articulam para gerar novos modos de pensar e fazer a educação química. É a partir dessas

encruzilhadas que desvendaremos, a seguir, os labirintos teóricos, epistemológicos e metodológicos que compõem esta pesquisa, os desafios e as possibilidades de construir uma educação química que reconheça, valorize e amplie as múltiplas existências de vidas LGBTQIAPNb+ nas universidades e escolas.

2 NOS LABIRINTOS CARTAGRÁFICOS

Neste trabalho, assumimos as narrativas contidas em cartas como dispositivos metodológicos e formativos que possibilitam compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas próprias experiências. A abordagem (auto)biográfica que adotamos é, portanto, não apenas metodológica, mas também epistemológica e política, pois afirma a memória, a subjetividade e o cotidiano como campos de produção de saber. No Ensino de Química, no entanto, essa abordagem ainda é rara, dada a predominância de modelos formativos pragmáticos e tecnicistas (Dutra-Pereira; Lima; Bortolai, 2021).

Pesquisar é como se aproximar, dia após dia, de portas que nos separam de novos mundos de saber, onde cada uma guarda segredos que só se revelam a quem ousa espiar pelo buraco da fechadura, como nos ensina Sandra Corazza (2007). A cada investigação, encontramos novas perguntas, novos caminhos que nos conduzem aos labirintos epistemológicos que habitam dentro de nós. Esses labirintos são construções emaranhadas, que são feitas de nossas próprias dúvidas, certezas provisórias, e o incessante desejo de compreender o que ainda não foi dito.

E é sempre chegada a hora de contar dessas explorações (Corazza, 2007), dessas incursões pelos corredores estreitos de nossas epistemologias, onde as perguntas se multiplicam e as respostas são sempre parciais, provisórias (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025a). Pesquisar, então, com as narrativas epistolares, é nos aventurarmos (Dutra-Pereira, 2019) desvendando, pouco a pouco, as complexidades do conhecimento que construímos, a partir de escritas de si.

Nossa pesquisa, desenvolvida em um curso de licenciatura em Química, situado em uma universidade no interior do Nordeste brasileiro, tem como foco a escrita de si, expressa por meio de cartas produzidas pelas/os estudantes durante o estágio supervisionado no ensino de Química. Estas cartas, escritas na primeira pessoa, constituem um espaço de reflexão onde as/os licencianda/os narraram suas experiências pessoais e profissionais, entrelaçando as vivências no contexto escolar com a questão da inclusão e exclusão das vidas LGBTQIAPNb+, ao se depararem



com a seguinte pergunta: pode uma Educação Química antilgbttqiapn+fóbica? Como pensar uma química para e com os corpos LGBTTQIAPNb+ nos/dos/com os cotidianos escolares?.

Anestesiados por estas perguntas que reverberaram na escrita de cartas, utilizamos, desde o início do estágio supervisionado, como labirinto teórico, as filosofias da diferença (Deleuze; Guattari, 2011a; 2011b) e como base epistemológica na cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016). Escritas as cartas, buscamos cartografar as experiências vividas nos/dos/com os cotidianos desses futuras/os docentes, entendendo as cartas como registros de uma subjetividade que se constrói e se reconstrói em meio às múltiplas relações de poder e saber que permeiam a educação (Dutra-Pereira; Lima; Tinôco, 2024; Dutra-Pereira; Santos; Tinôco, 2024).

A escolha pela escrita de cartas surgiu da necessidade de capturar a subjetividade das/os licenciandos de uma forma que transcendesse as limitações dos registros acadêmicos tradicionais (Dutra-Pereira; Tinôco, 2022). As cartas, enquanto prática de escrita, nos ofereceram um meio de acessar a dimensão afetiva e emocional das experiências vividas, proporcionando uma visão mais complexa e rica das relações entre ensino e formação. Ao escreverem em primeira pessoa, as/os estudantes puderam expressar de maneira mais autêntica suas vivências, criando narrativas que desafiaram as normas estabelecidas e abriram espaço para a construção de novas formas de existir e resistir no mundo.

Ao cartografarmos essas narrativas, tratamos as cartas como rizomas (Deleuze; Guattari, 2011a) que nos conectam a diferentes modos de ser e estar no mundo (Dutra-Pereira; Lima; Tinôco, 2024). As narrativas emergiram como um campo de forças, onde as subjetividades se articularam de forma fluida e instável, mostrando a pluralidade das experiências com corpos LGBTTQIAPNb+ e suas implicações para a formação docente. Essa perspectiva nos permitiu entender as cartas como atos de rebeldia, que, ao desafiar as narrativas hegemônicas, contribuíram para a produção de novas possibilidades de vida e existência no contexto escolar.

Apresentarmos as cartas na íntegra foi uma escolha metodológica que reforçou nosso compromisso com a leitura atenta e respeitosa das vozes dos/as licenciandos/as. Ao aprofundar nos escritos dessas cartas, procuramos não interpretar o conteúdo, mas mapear os afetos, as tensões e as contradições que nelas se expressaram (Dutra-Pereira; Lima; Tinôco 2024). Ancorado nas filosofias da diferença, buscamos evidenciar como as narrativas dos/as licenciandos/as puderam contribuir para a criação de uma educação química que incluía todos os corpos, que, ao

se afastarem das normatividades impostas, apontaram para outras maneiras de ler o mundo e de continuar na produção de vida com os cotidianos de pessoas LGBTQIAPNb+.

Em suma, nossa pesquisa se estabeleceu como um espaço de reflexão e transformação, onde as cartas escritas pelos/as licenciandos/as se constituíram como dispositivos de invenção-criação, conforme Cavalcante e Dias (2025), capazes de gerar novas formas de existir e educar, sobretudo na área da Educação Química, ainda tão tímida no que diz respeito aos corpos dissidentes. Ao cartografarmos essas cartas, que expressam as diferenças dos outros modos de experimentar a vida, registramos as experiências dos/as licenciandos/as e abrimos caminho para uma educação inclusiva, que reconhece e valoriza a diferença como potência criadora (Rolnik, 1995).

3 CARTAS QUE EXPRESSAM DESEJOS DE UMA EDUCAÇÃO COLORIDA

Longe de se constituir uma novidade, a escrita (e a troca) de cartas vêm resistindo e se constituindo enquanto possibilidade de formação humana para a pesquisa, a docência e a militância na universidade (e por que não dizer, fora desta). Em tempos de comunicação rápida e instantânea, os textos epistolares têm permanecido e se instituído enquanto uma aposta nossa, em sala de aula, nas orientações acadêmicas e em espaços outros de disputa política (Dutra-Pereira; Tinôco, 2022; Dutra-Pereira; Santos; Tinôco, 2024).

As cartas se erguem como pontes entre o eu e o/a outro/a, entre o conhecimento e a percepção de mundo. Elas não se tornam apenas palavras escritas, mas dispositivos carregados de narrativas, significados, saberes, possíveis e poderes. É como se cada epístola fosse um espelho refletindo a realidade e as múltiplas camadas de subjetividade e construções culturais que a moldam e de quem as escreve.

Com os fios das diferenças, da história e da resistência, as epístolas são tecidas por quem ousa escrever. Elas não são meros instrumentos de transmissão de conhecimento, mas espaços de diálogo onde as narrativas marginalizadas encontram eco e legitimidade. Cada carta é um território de fronteira. As diferenças se encontram e se entrelaçam em um movimento constante de possibilidades, de negociações e de transformações (Anzaldúa, 2000). Apoiados em Clarice Lispector (2019), em “Água Viva”, escrever cartas é para quem ousa “viver apertado”, como nós,



peçoas LGBTTQIAPNb+, que todos os dias nos apertamos para caber em fôrmas e na cisonormatividades da heterossexualidade compulsória (Rich, 2010).

Assim, ao nos depararmos com a carta 1, somos confrontados com o reflexo de uma realidade escolar ainda atravessada pela LGBTTQIAPNb+fobia, mas também com a potência que reside em discutir abertamente o que antes era silenciado. Há, nesse tipo de narrativa, uma tensão entre o que já conhecemos, o lado da escola que frequentemente reproduz preconceitos, e a necessidade urgente de criar brechas, novos espaços de fala, de pertencimento. Criações de fissuras (Deleuze; Guattari, 2011a).

Carta 1 –

O direito à educação e ao conhecimento é essencial para a vida moderna. No entanto, esses direitos nem sempre são assegurados para as comunidades LGBTQIA+. Devido à discriminação e às conotações negativas associadas a essa comunidade, elas são frequentemente vítimas de violência e exclusão, e isso muitas vezes se reflete na educação química. Portanto será discutido como a educação química anti-lgbtqia+fóbica pode ser uma ferramenta importante para assegurar os direitos dos indivíduos pertencentes dessa comunidade.

A educação química é uma área fundamental para compreender como a química pode fornecer soluções para os problemas que confrontamos hoje, por exemplo a LGBTQIA+ fobia, que se refere a todo e qualquer tipo de intolerância e aversão as pessoas que não são heterossexuais. É importante ressaltar que a educação química não se restringe às aulas de Química Geral, mas sim, traz conteúdo de informações e teorias através de uma abordagem ampla do cotidiano dos estudantes, visando buscar outros conhecimentos e ainda ampliar o interesse dos alunos no mundo da Ciência.

Para contorna o problema exposto, deve-se abordar a educação química anti-lgbtqia+fóbica. Como um tipo de educação que ensina sobre a diversidade e promove o respeito e a aceitação de todos os seres humanos. É fundamental para ajudar as pessoas a compreenderem a importância de serem tolerantes, compassivos e inclusivos entre si, de estarem conscientes das diferenças entre os grupos e de reconhecer os direitos iguais e as responsabilidades das pessoas LGBTQIA+. Esse tipo de abordagem na educação química é crucial para combatendo a homofobia, os preconceitos e a discriminação da comunidade LGBTQIA+. Desse modo pode ajudar a romper as barreiras sociais, a expandir a consciência e a promover a compreensão e a aceitação mútua. Isso pode levar a uma melhor qualidade de vida para todas as pessoas e mais importante ainda, ajudar a prevenir atos homofóbicos.

A educação química nesse véis pode ser ensinada de uma variedade de maneiras. Primeiro, é importante que se promova a tolerância, a diversidade e a igualdade em sala de aula. Isso pode ser feito por meio de discussões, filmes, vídeos e até mesmo em projetos. Isso também pode envolver ensinar sobre a história da luta pela igualdade LGBTQIA+, e instigar os alunos a pesquisarem. Além disso, os professores podem promover aumento à inclusão, ensinando sobre organizações LGBTQIA+ locais, promovendo eventos culturais e desenvolvendo discussões educativas ou atividades em sala de aula.

Nota-se que as escolas têm um papel importante para desempenhar na adoção da educação química anti-lgbtqia+fóbica. Primeiro, as escolas devem incluir no projeto político pedagógico, possíveis projetos educacionais que possibilitem uma discussão educativa sobre temas relacionados à diversidade, igualdade e aceitação. Isso pode ser feito por meio de cursos, discussões em sala de aula, palestras, vídeos ou atividades. Além disso, as escolas também devem estabelecer subvenções para organizações LGBTQIA+ e

apoiar os grupos LGBTQIA+ existentes na escola. Além disso, os professores devem desenvolver nesses projetos educacionais, aspectos promovam também uma discussão sobre como os alunos podem alcançar seu potencial de líder e como eles podem ajudar a lutar contra a LGBTQIA+ fobia e a discriminação em nossa sociedade.

A educação química anti-lgbtqia+fóbica pode gerar um grande e importante impacto na vida das pessoas que se incluem na comunidade LGBTQIA+. Ela pode promover um ambiente mais seguro e inclusivo nas escolas, permitindo que os alunos LGBTQIA+ se sintam aceitos e respeitados. Isso, por sua vez, pode ajudar a combater a homofobia e os preconceitos, e aumentar a consciência das pessoas sobre a importância da aceitação mútua e da igualdade.

Portanto a educação química, ensinada por esse viés é uma forma importante para assegurar o direito à educação e o conhecimento para as comunidades LGBTQIA+. Ela pode ajudar a criar um ambiente seguro e inclusivo, a combater a homofobia e a promover o respeito mútuo e a aceitação. É fundamental que as escolas e os professores incluam esses temas em suas aulas para garantir que todos os alunos se sintam aceitos e respeitados. Se você é professor ou estudante, ajude a tomar ação e faça a sua parte na luta contra a discriminação. Respeito!

Ao ler essas palavras, podemos perceber que, apesar dos muros erguidos por legislações e práticas que buscam invisibilizar a diversidade, há fissuras. E é nessas fissuras que ganhamos. Ganhamos ao relembrar que somos muitos, que nossos corpos e nossas vidas ecoam não apenas as dores, mas também as resistências, as conquistas, as possibilidades de reimaginar o que a educação pode ser.

A narrativa da carta 1 nos conduz a uma reflexão essencial sobre o papel transformador da educação, especificamente a educação química, no combate à LGBTTQIAPNb+fobia e na criação de espaços mais inclusivos e respeitosos. Ao reconhecermos que a exclusão e a violência contra corpos dissidentes frequentemente se refletem no ambiente escolar, somos chamados a expandir nossa visão sobre o que a Educação Química pode oferecer para além de fórmulas e reações.

A autora da carta nos propõe que a Química seja uma aliada no processo de construção de uma sociedade mais justa, em que a diversidade seja reconhecida, celebrada, valorizada e ampliada. Não há Educação Química sem nossos corpos, sem nossas cores, sem a “sopa de letrinhas” (Facchini, 2005). A química, então, deixa de ser apenas um campo de conhecimento técnico e se transforma em um espaço de discussão ética e política, onde se pode, através do ensino, questionar as estruturas de poder que perpetuam a discriminação (Xavier, 2019).

A Educação Química, quando vinculado as práticas pedagógicas inclusivas e reflexivas, pode contribuir para uma maior compreensão das diferenças e, assim, para a promoção de um ambiente escolar mais seguro. Em sua carta, a autora faz um paralelo entre a ciência e as práticas sociais, ao propor que a Química, enquanto campo de conhecimento dinâmico, pode ser utilizada



para discutir temas como diversidade e aceitação de maneira concreta. A luta contra a LGBTTQIAPNb+fobia passa, aqui, pela criação de espaços educativos em que o preconceito é combatido e as diferenças são compreendidas como elementos constitutivos da vida social.

Ao refletirmos sobre a narrativa da carta, somos confrontados com um apelo para uma prática pedagógica que seja transformadora. A partir de sua escrita, denuncia a exclusão sofrida pelas comunidades LGBTTQIAPNb+ no ambiente escolar, mas também propõe uma ação prática: o uso da educação química como veículo de mudança. Há, na proposta, uma articulação que vai além do conteúdo tradicional, pois entende que o saber químico, quando situado com os cotidianos, pode se tornar numa discussão de temas sociais relevantes. Assim, passamos a compreender que o ensino de química tem o poder de ir além dos laboratórios, alcançando a esfera das relações humanas.

A autora nos narra como o ensino sobre diversidade e tolerância pode ser abordado de maneira transversal, integrando-se às discussões científicas e, assim, contribuindo para o combate ao preconceito e à exclusão, conforme, também, apostam Faustino et al. (2024). Entendemos que há uma visão ampla da Educação Química, que entende a escola como um espaço de construção de valores e práticas sociais que extrapolam os conteúdos disciplinares. Quando a autora sugere que os professores devem incorporar esses temas em suas aulas, ela nos convida a reconhecer o papel que a educação desempenha na formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a luta por justiça social e de *gênerossexualidade*.

O impacto de uma educação química antiLGBTTQIAPNb+fóbica, como sugerido, vai além do ambiente escolar, ao influenciar diretamente a qualidade de vida das pessoas que pertencem à comunidade LGBTTQIAPNb+. Ao ensinar sobre a diversidade e promover o respeito mútuo, a escola se torna um lugar mais seguro, onde todos os corpos possam se sentir aceitas/os e valorizadas/os. E essa transformação, ainda que gradual, é vital para criar uma sociedade mais inclusiva e menos preconceituosa, na luta para que a Química se torne um campo de resistência e luta por direitos.

Neste caminho, a carta 2, apresenta outras histórias, outras reflexões, outras narrativas que nos ajudarão a ampliar nossa compreensão sobre os desafios e as potências da Educação Química Inclusiva.

Carta 2 –

Não sei por onde começar. E, por não saber o começo, acredito eu que já seja um bom início. Quando deixamos claro o que não sabemos, quebramos as expectativas e,

consequentemente, não sabemos o que esperar até o final desta carta. Penso que falar sobre o que se trata a antiLGBTQIA+fobia seria um excelente início. E, uma visão geral desta que te escreve, é que, trata-se de posturas contrárias a ações de ódio destinadas a comunidade LGBTQIA +. E, falando deste assunto dentro do espaço acadêmico, era de se esperar que não tivéssemos a necessidade de se ter algo anti a ações tão repudiadas em um cenário que deveria ser de todos e para todos, sem exceções. E sim, ainda precisamos falar sobre o fato de que entrarmos em todos os espaços não significa ser parte deste ou melhor, que nos aceitem como parte deste. Pensar numa química que acolha a comunidade em questão é tratar a mesma como parte deste todo.

Um momento rico para o debate seria na feira de ciências onde, normalmente, trabalhamos a interdisciplinaridade. Falar sobre cientistas LGBTQIA + que em muito contribuíram para o avanço da ciência, como por exemplo: Nergis Mavalvala, pesquisadora que contribuiu na detecção das primeiras ondas gravitacionais. Uma mulher, do Paquistão, imigrante e lésbica. Alan Turing, um dos, se não o único, mais conhecido, sendo o responsável pela criação do computador durante a segunda guerra, revelando os segredos da Enigma. Passando pelo processo de castração química por ter seu segredo revelado, declarando-se gay, o que se considerava crime na Inglaterra. Marsha P. Johnson, mulher negra, drag queens e ativista, que lutou pela igualdade dando início ao movimento de libertação gay. Dentre inúmeros outros nomes. Trazer essas figuras de peso é passar para um aluno que faz parte da comunidade que há representatividade dentro da ciência para pessoas LGBTQIA+.

Uma outra forma de abordar o tema, seria por meio de divulgação de eventos, por meio das plataformas digitais, promovidos com o intuito de mostrar a diversidade e igualdade de gênero dentro da ciência, para que os estudantes tenham um momento de conhecimento extraclasse e, utilizar deste espaço para passar uma pesquisa garantindo que todos tenham acesso. Dentro dos conteúdos programáticos trabalhados no ensino de química, poderíamos abordar a diversidade de hormônios que temos, tanto homens quanto mulheres, em diferentes proporções, e como esses hormônios não são responsáveis pela orientação sexual que a pessoa possui. E, neste ponto, podemos falar sobre como ocorre a castração química, retomando até mesmo a história de Alan Turing.

Assim como, poderíamos trabalhar com estruturas químicas que apresentem a conformação Cis e Trans, para evidenciar que tais prefixos são utilizados para determinar a posição dos ligantes em mesmo plano e em planos opostos. E que, não são estes fatores determinantes para a identidade sexual das pessoas. Não é porque uma pessoa se identifica como cis, que ela nasceu com os hormônios em que os átomos das moléculas se encontram no mesmo plano. E sim, que ela se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu. São interpretações equivocadas como essa que podem ser explicadas nas aulas de química, rompendo com a propagação do erro.

Por fim, penso que precisamos, enquanto professores e figuras vistas como exemplo, mudar o nosso olhar sobre os estudantes que fazem parte da comunidade LGBTQIA +. Digo isto porque sinto que, nos espaços que já convivi, os professores têm todo um cuidado para com o tratar aos alunos LGBTQIA + e, muitas das vezes, tanto cuidado acaba por afastar o estudante do docente, criando uma barreira por medo de não saber como falar/agir. Sendo que, este estudante deveria receber o mesmo trato que os demais. Entretanto, é importante salientar que cada indivíduo possui suas particularidades e cabe ao professor respeitá-las.

A narrativa da carta 2 nos coloca em uma encruzilhada: como abordar a questão da LGBTTQIAPNb+fobia no Ensino de Química sem cair nas armadilhas do distanciamento ou da superficialidade? A autora começa por admitir uma incerteza: "Não sei por onde começar", afirmação que se mostra como uma potência. É a abertura para um diálogo franco (Dutra-Pereira,



2023), sem máscaras, sem pretensões de possuir todas as respostas. Ao fazer isso, ela nos convida a compartilhar desse lugar de desconforto e dúvida, de onde pode emergir outros possíveis (Deleuze; Guattari, 2011a; 2011b).

A partir dessa narrativa na carta, rapidamente nos leva à necessidade de enfrentar um paradoxo perturbador: mesmo em espaços que deveriam ser inclusivos por natureza – como a academia e o ambiente escolar – a exclusão e o preconceito persistem (Tinôco, 2024). Ao afirmar que "entrarmos em todos os espaços não significa ser parte deste", a autora toca em uma das questões centrais para a luta por inclusão: o fato de que a mera presença física não é suficiente para garantir pertencimento. É necessário ir além, criar uma cultura de acolhimento e aceitação real.

Neste sentido, propõe uma série de estratégias para aproximar a Química da realidade vivida pela comunidade LGBTTQIAPNb+. A sugestão de utilizar a feira de ciências como um espaço para trabalhar a interdisciplinaridade e trazer à tona cientistas LGBTTQIAPNb+ como Nergis Mavalvala, Alan Turing e Marsha P. Johnson é uma maneira potente de oferecer representatividade aos/às estudantes. Ao destacar esses nomes, a autora nos lembra que a ciência é marcada pela diversidade, e que essa diversidade precisa ser visibilizada e nomeada. A ideia de conectar a história de Alan Turing à discussão sobre castração química¹ nas aulas de Química é, por exemplo, uma forma de unir os fios entre ciência, história e direitos humanos, desafiando os estudantes a refletirem sobre as consequências da discriminação.

O olhar pedagógico narrado pela carta vai além da simples introdução de conteúdos. Há uma preocupação em romper com interpretações equivocadas que perpetuam preconceitos, como a noção de que as conformações *cis* e *trans* das moléculas determinariam algo sobre a identidade de gênero das pessoas (Faustino et al, 2024). A autora sugere na narrativa, de maneira criativa, utilizar a Química para desconstruir essas falácias, mostrando que ciência e sociedade estão intrinsecamente conectadas, e que o conhecimento científico pode, e deve, ser utilizado para combater a ignorância e o preconceito.

Por fim, a carta narra um aspecto sensível, porém fundamental: a relação entre docentes e estudantes LGBTTQIAPNb+. A autora observa que, muitas vezes, o cuidado excessivo dos docentes em lidar com tais estudantes acaba por criar uma barreira, ao invés de aproximar. Há aqui um

¹ Para melhor entendimento sobre a castração química e outras violências utilizando a Química e a indústria farmacopornográfica com os corpos LGBTTQIAPNb+, sugerimos fortemente a importante obra de Paul Preciado (2018).

chamado para uma mudança de atitude, uma necessidade de tratar os alunos LGBTTIAPNb+ com o mesmo respeito e naturalidade que se dedicaria a qualquer outro estudante, mas sem esquecer de suas particularidades e da violência simbólica e real que enfrentam.

O que essa carta nos narra é um exemplo vivo da luta cotidiana por um espaço de pertencimento dentro das escolas, como afirmam Caparelli et al. (2024). Na carta, ao narrar suas incertezas, cria um ambiente de acolhimento para o leitor, abrindo espaço para que possamos, juntos/as, repensar nossa prática como professoras/es. O Ensino de Química, como proposto, vai além de suas fronteiras tradicionais, tornando-se uma arena para o debate sobre questões sociais, como a LGBTTIAPNb+fobia.

As propostas apresentadas pela autora, como trabalhar com figuras históricas LGBTTIAPNb+ na ciência e utilizar exemplos científicos para questionar preconceitos, oferecem caminhos pedagógicos concretos para que possamos inserir a luta por direitos e representatividade dentro das salas de aula. Ao conectar a teoria química com as experiências de vida de pessoas LGBTTIAPNb+, criamos um espaço onde o saber científico é técnico e também humano, empático e politicamente engajado, como aprendemos com bell hooks (2019).

A proposta de desconstruir falácias e promover o respeito à diversidade mostra como podemos, através de intervenções pedagógicas, transformar o ambiente escolar. Ao final da carta, somos lembrados de que a educação não se faz apenas através do conteúdo, mas também nas relações e posturas que estabelecemos com nossos/as estudantes. Postura esta que se deve não somente pela profissão professor/a, conforme veremos na carta 3.

Carta 3 –

Bom, começo essa carta falando um pouco sobre a minha experiência de transição entre homofóbico e um ser em constante aprendizagem sobre a diversidade sexual.

Criado em uma família extremante machista e homofóbica, desde sempre ouvi que “mulher com mulher vira jacaré e homem com homem vira lobisomem” ou então, “é melhor ter um filho ladrão do que um filho gay”.

Infelizmente cresci com esse tipo de discurso sendo repetido em casa, na escola rural que estudei e principalmente pelos ensinamentos que tive na igreja durante minha infância enquanto participava. Porém, nunca entendi o que de errado existia.

Mas mesmo assim me afastei de muitas pessoas durante o ensino fundamental por causa de suposições e piadas, como “Quem tá comendo, quem?” sim, eu sei, não tem graça nenhuma. Mas então a vida me deu uma boa oportunidade para pensar em quem eu estava me tornando, quando um dos meus melhores amigos me falou que era gay e que sentia muito em perder nossa amizade, fiquei em silêncio e me afastei sem saber o que falar. Não consegui enxergar nenhum motivo para mantermos a amizade, então o meu primeiro ato foi me desculpar por todas as vezes que falei algo desnecessário e que se até então não éramos melhores amigos, agora seríamos, porque sabia o quanto ele ia precisar de alguém



que pudesse confiar e conversar. Foi aí que ele me contou todos os medos e receios de assumir sua sexualidade, e nesse dia eu entendi que não fazia sentido nenhum o que sempre ouvi e passei parte da minha vida repetindo.

Entendi que se meus amigos riem de mim, não são meus amigos. Meus amigos riem comigo! E que se estar com gays é motivo de vergonha para eles, é nesse momento que eu reconheço quem realmente eu devo seguir com a amizade.

Para muitas pessoas a homossexualidade é considerada doença, afinal, quantas vezes já ouvimos falar da ideia idiota sobre uma cura gay. O que me deixa ainda mais triste é ter que ouvir de alguns amigos que realmente queriam que existisse uma cura gay, para poderem viver em paz com a família e com a sociedade.

Não é necessário ser homossexual para lutar pela causa pelos direitos dos mesmos, e que quando você se cala em situações homofóbicas, tenha certeza de que você é ser cúmplice disso tudo.

Perante a esta reflexão, resolvi não só mudar a mim mesmo, mas começar a reestruturar dentro da minha casa e mostrar o mundo em que vivemos, que o preconceito que foi passado de geração em geração no meu leito familiar podia ser fatal para muita gente! Então nunca foi sobre ensinar a não ser homofóbico e sim, ser anti homofóbico. Não foi fácil, foram várias conversas com meus pais até de fato eles verem o mundo como eu vejo, diverso como tem que ser. Mas ao mesmo tempo, nada acolhedor e cruel.

A conversa foi a base para mudar pensamentos tão rígidos, fico tão feliz que deu certo. Fica aqui meu pensamento enquanto educador, já que é meu dever propiciar o diálogo e a reflexão sobre diversos aspectos sociais, principalmente ao que se refere a existência, resistência!

Minha função na escola tem um papel significativo no enfrentamento a LGBTTQIA+fobia, principalmente no ato de desmistificar muitos preconceitos que circulam em torno da temática diversidade sexual. Trazer discussões em salas e projetos escolares faz toda a diferença durante a aprendizagem.

O ponto de partida da carta 3 é o reconhecimento de um passado impregnado de preconceitos e falas carregadas de ignorância, como a repetição de frases homofóbicas e desumanizantes ("mulher com mulher vira jacaré" e "é melhor ter um filho ladrão do que um filho gay"). Essas falas, ouvidas no espaço familiar, na escola e na igreja, são apresentadas como parte de uma estrutura cultural maior, que reforça a discriminação e o ódio contra a comunidade LGBTTQIAPNb+. O autor, no entanto, nunca compreendeu completamente o que havia de "errado" na diversidade sexual, o que aponta para a ideia de que o preconceito, embora ensinado e repetido, muitas vezes não se sustenta quando submetido à reflexão crítica. Conforme De Godoy e Nogueira dos Santos (2019, p. 48) "A falta de informação sobre sexualidade faz com que as famílias rejeitem a homossexualidade como algo natural em determinados grupos".

A virada acontece quando o autor se vê confrontado com a realidade de um amigo próximo que se assume gay. Esse momento é descrito com grande sinceridade, pois, inicialmente, o autor não soube como reagir, afastando-se do amigo. No entanto, após um período de reflexão, ele se desculpa e reata a amizade, reconhecendo a necessidade de ser um apoio para alguém que enfrenta o medo e a insegurança em relação à própria sexualidade. Esse evento catalisador é o

ponto de inflexão em sua trajetória de aprendizado sobre a diversidade sexual. A partir desse momento, ele começa a questionar os preconceitos que havia internalizado e que, até então, repetia sem contestação.

A carta também trata da luta contra a ideia da "cura gay" – disseminada, inclusive, por representantes religiosos, sobretudo pastores, integrantes da extrema direita política do país –, uma concepção que, para muitos, ainda é vista como solução para a homossexualidade, considerada uma doença². A dor de ouvir amigos que desejariam essa "cura" para encontrar paz com suas famílias e a sociedade é um dos elementos mais impactantes da narrativa na carta, pois expõe o conflito interno que muitas pessoas LGBTQIAPNb+ enfrentam em relação à aceitação: muitas vezes ocasionando até o suicídio³ por não suportarem tanta violência.

O autor da carta faz uma reflexão sobre o papel de quem não é homossexual na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAPNb+. Ele afirma que o silêncio diante da homofobia é cumplicidade, o que é um chamado direto para a ação, especialmente para aqueles que, como ele, estão em uma posição de privilégio ou que não sofrem diretamente a discriminação. Esse reconhecimento da responsabilidade coletiva é um ponto de destaque, pois vai além da mera tolerância e aponta para a necessidade de um posicionamento ativo contra a LGBTQIAPNb+fobia.

No final da carta, o autor traz sua experiência de vida para o campo da educação, onde ele se vê em uma posição de influenciar positivamente o ambiente escolar. Ele reconhece que, como educador químico, tem um papel crucial na promoção de debates sobre a diversidade sexual e no enfrentamento à LGBTQIAPNb+fobia. A proposta de trazer discussões e projetos escolares sobre o tema é apresentada como um caminho importante para a desconstrução dos preconceitos, principalmente no que tange à educação de jovens que podem estar repetindo em casa o que o autor vivenciou.

² No Brasil, com a onda da “terapia de conversão sexual”, fortemente difundida como “cura gay”, que já dizimou algumas pessoas LGBTQIAPNb+, sugerimos fortemente, para entender este movimento, suas táticas agressivas e violentas contra nossos corpos, a leitura do relatório “Amar não é doença: ame quem você é, ame quem você quiser”, lançado pela Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial (CDHMIR) da Câmara dos Deputados, conforme Brasil (2024).

³ Conforme publicado no site da BBC: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150409_obama_fim_cura_gay_fn; no Jornal O Globo: <https://oglobo.globo.com/brasil/medico-comete-suicidio-apos-sua-mae-falar-para-ele-procurar-cura-gay-14758720>; no site Metrópoles: <https://www.metrópoles.com/sao-paulo/karol-eller-cura-gay-tortura-psicologa>; e na Emissora Pública da Universidade Federal de Santa Maria: <https://www.ufsm.br/orgaos-suplementares/radio/2024/06/26/gritos-do-silencio-terapias-de-conversao-um-simbolo-de-retrocesso-e-ataques-a-comunidade-lgbtqia-no-brasil>, dentre outros.



Essa narrativa de que o/a professor/a deve ser um agente de transformação social é central para a carta. Ao narrar entende que sua função vai além do ensino de conteúdos acadêmicos, e se estende ao papel de facilitador de reflexões sobre temas sociais, incluindo a existência e a resistência da comunidade LGBTTTQIAPNb+. Ao assumir esse papel, ele se coloca como um exemplo de que é possível desconstruir preconceitos arraigados e promover um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor, conforme apontam Silva e colaboradoras (2024).

A narrativa passa pela compreensão da importância de ser um aliado da comunidade LGBTTTQIAPNb+, e nos lembra que o silêncio diante da opressão é, em si, uma forma de violência. É um pacto com a *cisheteronormatividade* que silencia, exclui e aniquila nossos modos de viver à vida francamente e com orgulho (Dutra-Pereira, 2025a). A carta termina com uma narrativa de esperança e responsabilidade, nos chamando a agir, não apenas para evitar a homofobia, mas para ser antiLGBTTTQIAPNb+fóbica, um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Carta 4 –

Dedico esta carta a todas as pessoas que de alguma forma sofreram/sofrem com o ódio ou com a violência sendo ela explícita ou velada, em casa, na rua, no trabalho e, principalmente, nas escolas, espaço esse, que na maioria das vezes acaba não sendo acolhedor contribuindo ainda mais para a exclusão e, para a disseminação de preconceitos e discriminações por reproduzir a heteronormatividade na qual o “estranho” que não segue os “padrões” estabelecidos socialmente como ser heterossexual, branco e masculino é reduzido e marginalizado levando a casos e mais casos de LGBTQIA+Fobia que acabam sendo omissos entre membros do próprio círculo familiar, do estado e dos demais órgãos. Diante desse cenário, surgem questionamentos em como pensar em uma Educação Química que seja antilgbtqia+fóbica, que permita discutir, incluir e refletir sobre essa temática nas escolas e, durante a formação inicial e continuada de professores. Primeiramente, é de suma importância que a educação esteja centrada em abordar a diversidade, destacando os direitos e as relações dos indivíduos, é importante que sejam implementados currículos que abordem temáticas sociais dentro da escola. E, seguido esta perspectiva, a educação em química/ciências deve ir de encontro a proposições que estejam relacionadas gênero e sexualidade, e dentro do ensino de química/ciências discutir conteúdos como a ação dos hormônios no organismo, tratamentos hormonais, as funções orgânicas presentes nos hormônios e etc. Desta maneira, será possível desenvolver uma educação direcionada para diversidade.

A carta 4, explora na narrativa, a questão da exclusão e discriminação que pessoas LGBTTTQIAPNb+ enfrentam em diversos contextos, com destaque para o ambiente escolar. Ela faz uma crítica direta à perpetuação da heteronormatividade nas escolas e à omissão de instituições diante de casos de violência e preconceito – o que é bem comum essa insegurança institucional,

conforme discute Bandeira e Batista (2002). A narrativa gira em torno da necessidade de pensar uma Educação Química que se oponha ativamente à LGBTTQIAPNb+fobia, promovendo inclusão e discussões sobre gênero e sexualidade.

O autor começa com uma dedicatória às pessoas que sofrem com o ódio e a violência, traçando um paralelo entre essas vivências e os diferentes espaços onde a discriminação ocorre: casa, rua, trabalho e, principalmente, a escola. A escola, que deveria ser um lugar de acolhimento e aprendizado, é retratada como um espaço que muitas vezes reforça padrões de exclusão, contribuindo para a marginalização de pessoas que não seguem os padrões normativos de ser heterossexual, branco e masculino – o que Ramo Filho (2023, p. 2509) chama de “privilegio heteronormativo”.

Essa crítica à escola enquanto instituição que muitas vezes reproduz preconceitos sociais é poderosa, pois coloca em evidência como a LGBTTQIAPNb+fobia pode ser perpetuada de maneira explícita ou velada. No entanto, conforme Dutra-Pereira e Tinôco (2025) há resistência e tem como falar de estudantes LGBTTQIAPNb+ ganhando. Além disso, a carta narra que muitos casos de LGBTTQIAPNb+fobia ficam invisibilizados dentro do círculo familiar e pelas instituições estatais, apontando para uma estrutura de omissão que agrava ainda mais o cenário de discriminação.

O grande foco da carta é sobre como criar uma Educação Química antiLGBTTQIAPNb+fóbica, que inclua e reflita sobre essas questões no currículo escolar, tanto na formação inicial quanto na continuada de professoras/es. Este ponto é crucial, pois enfatiza que o combate à LGBTTQIAPNb+fobia deve começar desde a formação das/os docentes, preparando-os para lidar com temas de diversidade e inclusão dentro da sala de aula.

A carta defende que a educação em geral, e em ciências/química em particular, deve centrar-se na diversidade, abordando temas que refletem os direitos dos indivíduos e suas relações sociais. Na carta, sugere a implementação de currículos que incluam temáticas sociais, o que representa um esforço para romper com os paradigmas tradicionais que excluem discussões sobre gênero e sexualidade do campo educacional, tal como defendem Guimarães e Nardi (2024).

Especificamente no contexto do ensino de química, a discussão sobre gênero e sexualidade deve ser integrada aos conteúdos programáticos de maneira orgânica. Temas como a ação dos hormônios no organismo, tratamentos hormonais, e as funções orgânicas presentes nos hormônios podem ser pontos introdutórios nas aulas de Química. Essa potência de intersecção tem um duplo objetivo: ensinar o conteúdo disciplinar e, ao mesmo tempo, abrir espaço para reflexões sobre a



diversidade sexual e de gênero. Apostamos nesta proposta porque não se trata de inserir temas de diversidade como algo separado ou acessório ao Ensino de Química, mas sim de integrá-los ao conteúdo curricular, o que possibilita o desenvolvimento de uma educação direcionada à diversidade. Ao discutir, por exemplo, como os hormônios atuam nos corpos humanos, as/os professoras/es podem desconstruir mitos e preconceitos em torno de temas como a transgeneridade e a orientação sexual, proporcionando as/aos alunos uma visão mais inclusiva e científica.

A carta 4 narra uma questão central no campo da educação: como formar professoras/es e estruturar currículos que realmente reflitam a diversidade da sociedade? A proposta de uma Educação Química que seja antiLGBTQIAPNb+fóbica é inovadora e essencial na contemporaneidade, pois reconhecemos a importância de incluir temas de gênero e sexualidade nas discussões científicas, ao mesmo tempo que combate a exclusão e a violência que muitas pessoas LGBTQIAPNb+ enfrentam no ambiente escolar e fora dele.

Ademais, a carta narra que a educação química pode ser um espaço de resistência e transformação, onde preconceitos são desafiados e uma nova geração de professoras/es e alunas/os podem ser formados/as com uma consciência mais inclusiva e respeitosa em relação à diversidade. Portanto, a narrativa da carta se posiciona firmemente a favor de uma reconfiguração da educação científica, defendendo que as disciplinas tradicionais, como a química, podem e devem incorporar discussões sobre diversidade de gênero e sexualidade.

Caminhando para a última carta (Carta 5), exploramos as dificuldades e incertezas da autora, em abordar o tema de uma Educação Química antiLGBTQIAPNb+fóbica, reconhecendo sua falta de propriedade sobre o assunto e buscando aprender com a própria comunidade LGBTQIAPNb+. Esta narrativa epistolar tem tom de humildade e de disposição para a escuta e a aprendizagem, destacando a importância de conhecer a história e as lutas da comunidade para efetivamente construir uma prática educacional mais inclusiva.

Carta 5 –

Pesquisas e noticiários evidenciam que o Brasil é o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIA+, este dado revela que nós ainda estamos presos a ideologia de gênero onde a heterossexualidade deveria ser o padrão para todas as pessoas. Com isso surge o desrespeito, a violência e homicídios que colocam essas vidas em situações de insegurança - marcadas para morrer.

A diversidade é um dado notável no nosso país, mas ainda não aprendemos a conviver com o diferente. Pessoas da comunidade LGBTQIA+ sofrem diariamente com o preconceito, a

discriminação e agressão psicológica, física e moral que as colocam em um lugar de inferioridade por ser quem são. As identidades dessas pessoas são deturpadas a todo instante por uma sociedade que é machista, branca, heteronormativa, elitista e LGBTQIA+FÓBICA. É necessário praticarmos a empatia e o respeito para que estas pessoas possam viver com mais dignidade, segurança, liberdade e autenticidade.

Diante dessa realidade, é urgente pensarmos em uma educação que seja ANTILGBTQIA+FÓBICA, construindo conceitos de empatia e respeito para com essas pessoas e sua forma de ser e estar no mundo. Desconstruindo estereótipos e preconceitos para construir a liberdade de ser. Educando crianças, adolescentes, jovens e adultos para o respeito e valorização da diversidade. Por isso, se faz importante uma abordagem na perspectiva inclusiva no sentido de percebê-las em suas singularidades enquanto pessoas que possuem identidades diferentes na luta pela igualdade de gênero.

A sala de aula é o espelho da sociedade, é preciso olharmos de trás das lentes e percebermos como as pessoas se auto identificam para rompermos com pensamentos e ideologias ultrapassadas e violentas, sobretudo para com as pessoas da comunidade LGBTQIA+.

A educação humanizadora, liberta! Desse modo, as práticas em sala de aula devem ser de conscientização para libertar, porque essa é uma luta necessariamente, pelo direito de ser. As experiências de vidas são particulares e emergem de formas distintas, é preciso uma educação que dialogue com a perspectiva da diversidade para que possamos construir com os educandos o respeito e a valorização no enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero vivenciadas pela comunidade LGBTQIA+.

A prática educativa carece estar direcionada para o fortalecimento de uma sociedade plural e que esteja aberta à diversidade construindo meios de combater qualquer ação de LGBTQIA+FÓBICA. Além de discutir, debater, problematizar e refletir as condições de vida dessa população, é preciso criar ações no campo prático para o fortalecimento das identidades de gêneros oferecendo apoio para essas pessoas, assim como na promoção de políticas que atendam às suas especificidades, que proteja e garanta seus direitos possibilitando melhores condições de vida para essa comunidade.

Nesse sentido me questiono, como fazer uma educação química ANTILGBTQIA+FÓBICA? E ao tentar responder a essa pergunta percebo o quanto é difícil escrever sobre algo, quando você não tem muito domínio sobre. Escrever essa carta sobre como promover uma educação química ANTILGBTQIA+FÓBICA está sendo um desafio enorme, percebo o quanto a falta dessas discussões nos espaços formativos é um fator determinante para não saber como responder a essa pergunta.

Defendo que a escola tem um papel fundamental na formação de pessoas críticas, pensantes e esclarecidas e entendo que o preconceito com a comunidade LGBTQIA+ é resultado da ausência de debates que possibilitem uma formação cidadã pautada no respeito as diferenças, de respeito as pessoas.

Se não é discutido nas salas de aula das universidades, nas salas de aulas das redes de ensino básico sobre a necessidade do respeito a essa diversidade existente em nosso país acredito ser muito difícil avançarmos para uma educação que seja ANTILGBTQIA+FÓBICA. Eu estou em um curso de formação de professores prestes a concluir o curso e em apenas uma disciplina antes do estágio IV, fui provocada a pensar em uma educação que respeite a diversidade existente em nosso país. E ao ser provocada me sinto um tanto desnorteada, justamente porque em toda a minha formação desde a educação básica essas discussões não foram tidas como importantes e nunca foram discutidas.

Esse movimento de pensar uma educação ANTILGBTQIA+FÓBICA me fez repensar e refletir sobre que professora eu estou me formando, me fez questionar sobre de que forma eu, enquanto professora, posso contribuir para um ensino de química que seja ANTILGBTQIA+FÓBICA.

Acredito ser possível trazer para as aulas de química a importância de cientistas da comunidade LGBTQIA+ para a ciência, valorizando dessa forma esses cientistas possibilitando dessa forma que haja representatividade.



Apesar de não saber muito em como abordar essas discussões associadas aos conteúdos de química, essa inquietação provocada pela necessidade de fazer uma educação química ANTILGBTQIA+FÓBICA fará com que eu busque de alguma forma levar essas discussões para a sala de aula, com intuito de possibilitar aos alunos um olhar diferente para com a comunidade LGBTQIA+, um olhar de respeito a diversidade existente em nosso país.

A carta 5 apresenta uma narrativa sobre a necessidade urgente de promover uma Educação Química antiLGBTQIAPNb+fóbica e sobre as dificuldades em alcançar esse objetivo devido à falta de discussões nos espaços formativos – tendo a única oportunidade no último estágio supervisionado. A autora explora os desafios internos e externos para construir uma educação inclusiva, demonstrando uma autoconsciência crítica sobre as limitações impostas por sua própria trajetória formativa, ao mesmo tempo em que busca alternativas para mudar essa realidade.

É notável que a narrativa apresentada na carta começa contextualizando o cenário alarmante de violência contra a comunidade LGBTQIAPNb+ no Brasil, destacando o país como um dos que mais mata pessoas dessa comunidade, conforme argumentam Mendes e Silva (2020). Este dado serve como uma base crítica para justificar a necessidade de uma Educação Química mais inclusiva, libertadora e que valorize as diferenças. Na narrativa, a autora, reconhece que as discussões de gênero cisheteronormativa que domina a sociedade perpetua a violência, o desrespeito e a marginalização. Ao mesmo tempo, na narrativa da epístola, faz um apelo à empatia e ao respeito como elementos essenciais para a construção de uma convivência saudável com a diversidade. Percebemos que a autora reconhece como as identidades LGBTQIAPNb+ são deturpadas e invisibilizadas por uma sociedade machista, elitista e heteronormativa. A carta reflete a urgência de romper com essas ideologias ultrapassadas e violentas, especialmente no ambiente escolar.

Um dos pontos centrais da carta é a reflexão narrada sobre a lacuna formativa nas instituições educacionais. A autora, que está em um curso de formação de professoras/es, narra seu desconforto e sentimento de desorientação ao perceber que essas discussões nunca foram abordadas ao longo de sua formação. Essa falta de debates sobre diversidade e respeito à comunidade LGBTQIAPNb+ é vista como um dos fatores que dificultam a promoção de uma educação antiLGBTQIAPNb+fóbica.

Ela reconhece em sua narrativa que, em seu próprio percurso, a única provocação a pensar em uma educação mais inclusiva ocorreu em uma disciplina, no estágio supervisionado IV. Essa autocrítica revela a precariedade da formação docente em relação a questões de diversidade,

especialmente quando se trata de temas LGBTTIAPNb+, que são muitas vezes negligenciados. A autora narra que, embora defenda a escola como um espaço para a formação de pessoas críticas e pensantes, não tem domínio sobre como promover uma educação química antiLGBTTIAPNb+fóbica. Essa dificuldade em integrar discussões sobre diversidade com os conteúdos de química reflete uma inquietação e uma busca por caminhos que possibilitem abordar essas temáticas de forma significativa.

Ela sugere a valorização de cientistas LGBTTIAPNb+ como uma estratégia para criar representatividade nas aulas de química. Ao destacar essas figuras, ela acredita ser possível oferecer as/aos alunas/os um novo olhar sobre a ciência e a diversidade, contribuindo para o reconhecimento de identidades LGBTTIAPNb+ no campo científico.

A carta se caracteriza por uma forte narrativa de autocrítica, onde a autora narra sobre que tipo de professora está se tornando e sobre como pode contribuir para um Ensino de Química que respeite e valorize as diferenças. Ela admite sua falta de experiência e domínio sobre o tema, mas demonstra uma inquietação produtiva que a impulsiona a buscar formas de levar essas discussões para a sala de aula. Essa atitude é emblemática de uma professora em formação que, apesar das limitações impostas por sua própria trajetória, está determinado a não repetir os erros do sistema que negligenciou essas discussões. A carta é um de narrativa que se toma consciência, onde a autora percebe a importância de repensar e reconstruir suas práticas pedagógicas para incluir a comunidade LGBTTIAPNb+.

Além disso, a carta narra a urgência de construir uma educação química antiLGBTTIAPNb+fóbica, mas também revela as dificuldades em fazê-lo devido à falta de discussões estruturadas nos espaços formativos (Caparelli et al., 2024; Bandeira e Batista, 2002). A autora destaca a importância de debater, problematizar e valorizar a representatividade de cientistas LGBTTIAPNb+, reconhecendo que a escola é um lugar de formação cidadã e que, sem esses debates, a sociedade dificilmente avançará em direção ao respeito à diversidade.

4 MANIFESTO PARA CONTINUAR OU ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da cartografia traçada ao longo deste artigo, emergem caminhos para uma ciência que, aos poucos, começa a se desviar dos trilhos *cisheteronormativos* que tradicionalmente a moldaram. A Educação Química, assim como outras áreas do saber, pode e deve ser um espaço de



acolhimento, diversidade e libertação. Apostamos num futuro colorido, onde os corpos LGBTQIAPNb+ possam existir, prosperar, além de estarem seguros, respeitados e, acima de tudo, valorizados. A pedagogia das diferenças, enraizada na filosofia da diferença, aponta para uma ciência com orgulho, conforme defendo em Dutra-Pereira (2025a), onde a *cisheteronormatividade* perde seu poder de normatizar os corpos e as vidas que ousam ser dissidentes.

Ainda que a Licenciatura em Química e outros cursos de formação estejam, em sua maioria, formatados para reproduzir estruturas *cisheteronormativas*, não podemos ignorar as fissuras que já se abrem, criadas por aqueles que, como este autor, insistem em trazer para a academia não apenas suas habilidades científicas, mas também suas existências múltiplas e as narrativas dissidentes. As linhas de fuga da bicha-pesquisador que escreve essas linhas carrega consigo a potencialidade de que a ciência e a educação podem ser campos de criação de vidas mais livres, mais dignas e, acima de tudo, mais seguras para todos os corpos.

Apostamos em um futuro em que professoras/es formadas/os em meio às discussões que abraçam a diversidade se tornem contra e confrontem qualquer episódio de LGBTQIAPNb+fobia na escola, e que sejam capazes de transformar suas salas de aula em territórios de resistência e celebração das diferenças. Defendemos assim, um futuro traçado por outros sonhos, outras narrativas, outras cartas, outras escolas, outros desejos de possíveis. Outros modos de narrar a vida, que, aqui, não se traduz apenas em vencer batalhas individuais, mas na construção coletiva de novos modos de existir e resistir.

Assim, este estudo, ao mobilizar narrativas epistolares no campo da Educação Química, atinge seu objetivo ao evidenciar como as experiências pessoais, profissionais e formativas, registradas em cartas, são cruciais para compreender e transformar a docência. As narrativas epistolares aqui cartografadas, descrevem a complexidade de trajetórias de licenciandos/as/es em Química, destacando os desafios enfrentados e as resistências construídas no enfrentamento das normatividades de gênero e sexualidade. Além disso, este artigo contribui para que a Educação Química desafie estruturas excludentes, ao mesmo tempo em que valorize os percursos e experiências de docentes em formação. As cartas analisadas oferecem construções e contribuições de novas possibilidades para uma docência em Química que se compromete com a celebração das diferenças e a inclusão de corpos e vivências dissidentes.

Por isso, finalizamos este texto com orgulho, “sem medo de ser feliz”, e reafirmando que somos as cores que mudam e narram um/o mundo. Que nossa narrativa, nossa ciência, nossa

educação, nossas cartas e nossas existências e insistência em nos mantermos vivos/as, sejam fontes de resistência, coragem e transformação. Que cada espaço universitário e escolar seja, finalmente, um lugar onde nós, pessoas LGBTQIAPNb+, possamos viver, criar e ensinar Química com orgulho, e que essas mesmas instituições reconheçam, acolham e protejam nossas vidas e trajetórias. E que sejam espaços seguros para nossos corpos. Afinal, estamos criando uma nova forma de narrar a ciência e a vida, uma que nos pertence e nos acolhe, onde podemos dizer com firmeza: nós estamos ganhando, e continuaremos a ganhar, porque “ainda estamos aqui” e “a vida presta” (Dutra-Pereira, 2025b).

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, 8(1), 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>
- BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, 10(1), 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>.
- BRASIL. CDHMIR. **Amar não é doença: ame quem você é, ame quem você quiser**. Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial (CDHMIR) da Câmara dos Deputados. Brasília – DG: Câmara dos Deputados, 2024. <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/outros-documentos/relatorio-amar-nao-e-doenca/view>
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CAPARELLI, P.; SANTOS TORRES, L. R.; MORALES GIUSTI, G.; ALBERTO ROZA JÚNIOR, J. População Trans* e a universidade: Transições, permanência e pertencimento. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, 10(1), 2024.
- CAVALCANTE, J. S.; DIAS, R. de O. Conversar e encontrar: escritas cartográficas anticapacitistas em uma escola de Niterói (RJ). **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, 7, 2025. <https://doi.org/10.47149/pemo.v7.e14018>
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer**. Petrópolis/RJ: 1994.
- CORAZZA, S. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, V. M. (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed., Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.



DE GODOY, E. A.; NOGUEIRA DOS SANTOS, M. R. Família e escola: a construção da homofobia no Brasil. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 6(11), 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. I). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. 2). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.

DUTRA-PEREIRA, F. K. “Nós vamos sorrir. Sorriam!”: com-fabulando currículo e ciência com orgulho para mundos possíveis os quais possamos viver. In: Rodrigues, A. C. da S.; HONORATO, R. F. de S. (org.). **Criações docentes e reinvenções curriculares**. Curitiba: CRV, 2025a.

DUTRA-PEREIRA, F. K. Aventuras do contar(se): narrativas da formação de professores de Química à distância. **Tese de doutorado em Ensino de Ciências e Matemática**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Repositório UFRN.

DUTRA-PEREIRA, F. K. Conversas complicadas no ensino de química: manifesto por um currículo [Marielle] “franco”. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, 9(2), 2023.
<https://doi.org/10.12957/riae.2023.73679>

DUTRA-PEREIRA, F. K. Desterritorializar currículo e a educação em ciências: notas para “a vida presta”. In: RIGUE, F. M.; SALES, T. A. **Diver-com as ciências: experimentações em educação**. Ituiutava: Editora Barlavento, 2025b.

DUTRA-PEREIRA, F. K.; BORTOLAI, M. M. S.; LIMA, R. dos S. Para além do relatório: experiências de escrita no estágio em Ensino de Química. **Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação**, 37(1), 183–206, 2021. <https://doi.org/10.21573/vol37n12021.102385>

DUTRA-PEREIRA, F. K.; FRANCISCA DOS SANTOS, K.; TINÔCO, S. Um vírus... Um projeto... Algumas cartas...: sobre a formação de bolsistas na pandemia. **Cadernos de Educação**, 67, 2024.
<https://doi.org/10.15210/caduc.vi67.25780>

DUTRA-PEREIRA, F. K.; LIMA, R. dos S; TINÔCO, S. Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas... **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, 29(65), 2024. <https://doi.org/10.20435/serieestudos.v29i65.1906>

DUTRA-PEREIRA, F. K.; TINÔCO, S. “Eu vou falar de nós ganhando...”: confabulando outros currículosvidas para juventudes LGBTQIAPNb+ nômadessdissidentes em gênerosexualidades à flor da pele. **Revista Educação e Emancipação**, 18, 2025. <https://doi.org/10.18764/2358-4319v18e23892>

DUTRA-PEREIRA, F. K.; TINÔCO, S. #BNCC: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no Twitter. **Revista Espaço Do Currículo**, 15(2), 1–7, 2022.

DUTRA-PEREIRA, F. K.; TINÔCO, S. É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?. **Revista Cocar**, 36, 2025a.

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/10567>

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?:** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAUSTINO, G. A. A.; BERNARDES, C. A. C.; VARGAS, R. N., SILVA, J. P. da; RUELA, B. A.; COSTA, F. R. da; CAMARGO, M. J. R.; BENITE, A. M. C. Professores/as per(formando) gênero: corporeidades, hormônios e a Educação em Ciências/Química. **Química Nova**, 47(5), 2024.

<http://dx.doi.org/10.21577/0100-4042.20240006>

FURLANI, J. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual. **Educação em revista**, 46, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200011>

GARCIA, R. L. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, R. L. (org.) **Método; métodos; contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.

GUIMARÃES, W.; NARDI, H. C. Produzindo um currículo escolar para diversidade sexual e de gênero em um instituto federal. **Psicologia & Sociedade**, 36, 2024. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024V36271460>

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. da. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(5), 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33672019>

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2016.

PRECIADO, P. **Testo Junke:** sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAMOS FILHO, A. F. Privilégio heteronormativo: uma reflexão a partir de vidas LGBTQIAPN+. **Diversitas Journal**, 8(3), 2023. <https://doi.org/10.48017/dj.v8i3.2586>

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, 4(5), 2010.

ROLNIK, S. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, C. R. (Org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995.



SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora /PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, B. E. da; MOREIRA, A. P. C.; BARCELOS, B. F.; COSTA, M. T. D.; CASTRO, M. R. de; ZOCAL, R. M. F.; SOUZA, W. C. de. O professor e seu papel na prevenção e combate à homofobia.

Contribuciones a Las Ciencias Sociales, 17(3), 2024. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.3-254>

TINÔCO, S. “Tudo é divino, maravilhoso”? Desigualdades, diferenças e barbárie nas práticas de inclusão escolar. In: SILVA, L. L.; ARAÚJO, R. P. A. de; SANTOS, J. B. **A educação brasileira no contexto pandêmico: desafios e perspectivas**. Campina Grande: EDUEFCG, 2024.

TOJA, N.; MACHADO, M.; ALVES, N. Pesquisas com os cotidianos. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, 45, 2023. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v45i1.65773>

XAVIER, Allan Moreira. BERRO! Uma educação transviada em química. **Linhas Críticas**, 25, 2019. <https://doi.org/10.26512/lc.v25.2019.19702>

XAVIER, T. P. de O.; VIANNA, C. The education of trans people: reports of exclusion, abjection, and struggle. **Educação&Realidade**, 48, 2023. <https://doi.org/10.1590/2175-6236124022vs01>

COMO CITAR - ABNT

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Educação química fora do armário: cartografias epistolares de uma formação docente antilgbttqiapnb+fóbica. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 24, n. 38, e25002, jan./dez., 2025. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v24.n38.4236>

COMO CITAR - APA

Dutra-Pereira, F. K. (2025). Educação química fora do armário: cartografias epistolares de uma formação docente antilgbttqiapnb+fóbica. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 24(38), e25002. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v24.n38.4236>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 20 de novembro de 2024.

Aprovado: 18 de dezembro de 2024.

Publicado: 23 de janeiro de 2025.

